

IV Edição do Concurso de Contos do Museu do Aljube
Resistência e Liberdade
“Coragem hoje, abraços amanhã”

Tão perto, mas tão longe...

Fernando de Oliveira

Em mais um dia abrasador na cidade de Évora, Conceição, juntamente com o seu companheiro, Augusto, saem de casa, naquilo que parecia ser, apenas, mais um dia de alguém que vive na sombra, sempre escondidos e em fuga de uma vida a que se acostumaram a chamar normal. Mas, a vida deste casal podia ser tudo menos normal. Ambos, Conceição e Augusto, eram funcionários do Partido Comunista Português, viviam o dia-a-dia na clandestinidade, num contínuo estado de medo e de alerta, dedicavam-se a uma causa que Conceição apelidava de “Libertação”.

Já ao anoitecer, alguém lhes bate à porta, mas logo de seguida, como não responderam, a porta é arrombada e pela casa dentro irrompem homens armados que vasculham todas as divisões. Conceição que estava no quarto, quando ouve a PIDE a entrar, estando já treinada para as consequências que a vida clandestina trazia, queima imediatamente todas as provas que comprometiam a sua causa, assim como qualquer tipo de informação comprometedora acerca do Partido. Um agente da PIDE entra no seu quarto, age com brutalidade, apontando-lhe uma arma e ordenando-lhe “Mãos ao ar!”.

Augusto tinha saído para comprar pão, não assiste ao sucedido. Conceição é levada para a prisão de Caxias, sem saber se o seu companheiro tinha sido igualmente capturado ou se tinha conseguido fugir. A partir daquele dia, a vida de Conceição passa a ser uma total incógnita, a que a mesma tenta encontrar respostas. Aquando da sua detenção, Conceição apenas conseguiu trazer, escondida no bolso do seu casaco quente, uma pequena foto dela e de Augusto sentados num banco de jardim. Conceição é condenada a três anos de prisão, por conspirações contra o regime político vigente, estando proibida de visitas durante os dois primeiros meses e ficando suspensa dos seus direitos cívicos.

Conceição era uma mulher forte, persistente, mas acima de tudo bastante inteligente, mas apesar de todos esses atributos, os primeiros dias na prisão de Caxias não foram nada fáceis. As celas eram sujas e cheiravam mal, a comida era horrível e as casas de banho não tinham as mínimas condições. Pela primeira vez, Conceição estava a viver o pesadelo que sempre a atormentava, aquilo que mais temia, apesar de estar mentalizada que um dia isto poderia acontecer.

Sempre que se sentia entediada, Conceição gostava de desenhar a paisagem para lá das grades, para um dia, mais tarde, mostrar aos seus filhos e para eles guardarem e terem em consideração como a luta pela liberdade e igualdade foi bastante difícil, pois acreditava e lutava para que um dia os seus filhos e netos não passassem por tudo aquilo que ela passou.

Devido ao modo de vida que anteriormente levava, nunca teve a facilidade e o à vontade em fazer amizades, devido aos riscos que a sua vida acarretava, mas também

porque não conseguia depositar confiança em qualquer pessoa. Na cela ao lado, existia uma mulher que cantava frequentemente o que, inicialmente, irritava Conceição, mas esta nunca disse nada, nem se revoltou com a vizinha de cela, até que um dia, ganha coragem e pergunta-lhe o nome, através de um buraco minúsculo que existia numa grossa parede que separavam as celas. A mulher cantora, como a chamava inicialmente, tinha o nome de Amália, algo engraçado e coincidente, uma vez que tinha o mesmo nome de Amália Rodrigues, autora de uma das músicas de que Conceição mais gostava: “Estranha forma de vida”, pois descrevia a sua vida, dizia ela, na perfeição. A partir daquele dia, Conceição fez uma amiga que, ao contrário do que inicialmente achava, a ajudou a passar os dias longos de prisão.

Amália era uma antiga funcionária de um café que fora presa por tentativa de furto de pão e arroz, para dar de comer aos seus quatro filhos. Amália havia sido abandonada pelo marido, deixando-a a ela e aos seus filhos completamente na miséria. Conceição fica completamente arrasada com a história de vida de Amália, algo que lhe faz perceber que por mais injusta que a nossa vida seja, haverá sempre alguém que estará numa posição pior que a nossa e, por isso, temos que dar graças e, sobretudo, parar para pensar que talvez não possamos ter aquele carro, aquela casa, mas ao menos temos uma família que nos ama, comida na mesa e, acima de tudo, saúde. Conceição, cada vez que ouvia as histórias que Amália lhe ia contando, era como que se sentisse rejuvenescer, uma imensa fonte de inspiração e sabedoria, que iria ficar marcada, para sempre, na vida de Conceição, como o exemplo de mulher e mãe que um dia iria querer ser para os seus filhos.

Conceição pensava todos os dias no que teria acontecido ao seu companheiro Augusto, companheiro que sempre compartilhara todos os momentos com ela. Era aquele ombro amigo, conselheiro de serviço, mas, acima de tudo, alguém que a amava tal como era. Não ter notícias de Augusto era a maior tortura para Conceição, que não conseguia imaginar o que faria sem a pessoa que sempre esteve lá para ela. Numa terça-feira do mês de março, Conceição recebe uma pequena carta anónima, que apenas dizia : “Não vou desistir de ti. Vemo-nos em breve !”. Conceição passa o resto do dia a tentar decifrar o que será que queria dizer aquela carta, mas mais importante ainda, quem a terá escrito. Será que a carta teria sido entregue para a pessoa errada?; Teria sido alguma espécie de brincadeira, ou talvez de tortura para a levar a pensar no seu companheiro Augusto? Tudo a levava a pensar nele, algo que a deixava bastante confusa e intrigada. As cartas começaram a seguir-se umas às outras e, cada vez mais, deixavam Conceição realmente certa que o remetente era Augusto. Muitas perguntas pairavam na cabeça de Conceição. A razão de não a ter contactado mais cedo e que raio queria dizer Augusto com aquelas

cartas todas misteriosas? Talvez quisesse encobrir o verdadeiro significado da carta! Talvez fosse algo que precisasse de ser decifrado! Realmente fazia muito sentido, porque se era algo escrito por Augusto, certamente que ele não queria que a PIDE e a GNR soubessem o que estaria por detrás daquele mistério todo, uma vez que as cartas eram todas revistadas e lidas com pormenor, antes de serem entregues ao destinatário.

Numa manhã chuvosa, estava Conceição à janela, mais uma vez, com o seu caderno de desenhos, a rabiscar, o que lhe lembrava os típicos dias invernosos na cidade de Évora, quando ficava em casa à lareira, simplesmente a ouvir com grande atenção as histórias que Augusto costumava contar sobre a cidade de Paris. Cidade que tinha uma grande torre, chamada Torre Eiffel, cafés lindíssimos ao pé de um grande rio, teatros e cinemas que entretinham a população, que segundo Augusto, parecia feliz, algo que a população portuguesa não era.

Nesse mesmo dia, chega mais uma carta de Augusto, mas desta vez, algo foi diferente. O guarda prisional, que normalmente entregava as cartas, chama Conceição para o que parecia um interrogatório. Abre-lhe a cela e ordena-lhe que o acompanhe. Conceição entra naquela sala pequena, com apenas uma mesa e duas cadeiras. De pé, três homens que aparentavam ser da PIDE.

Soube então que realmente acontecera naquele fatídico dia em sua casa, com o seu companheiro. Horas depois de Conceição ser presa, Augusto foi igualmente apanhado ao chegar a casa, por guardas da PIDE, sendo enviado para a mesma instituição prisional para onde Conceição tinha sido levada. Conceição ficou perplexa ao ouvir esta notícia, isso indicava que Augusto sempre tinha estado ao lado dela, apenas separados por grandes paredes e muros de betão.

Contudo, Conceição não estava ali apenas para ouvir o que se tinha passado com Augusto, ela estava ali a ser interrogada sobre o que estaria Augusto a planear por detrás de todas aquelas cartas misteriosas. Conceição passou o interrogatório calada, não dando quaisquer explicações para o que significariam as mensagens das cartas, até porque nem mesmo ela sabia ao certo o que significavam. As perguntas não acabavam, perguntas para as quais Conceição não tinha resposta, mas, mesmo assim, os guardas continuavam a pressioná-la, tentando que saísse algo da boca de Conceição. Os agentes começam a ficar impacientes, até que, primeiramente, começam a elevar a voz, mas logo de seguida pegam no bastão de choques elétricos e atingem Conceição com brutalidade, sem qualquer dó e piedade. Conceição permanece calada, ouvem-se apenas os seus gemidos de dor e os berros dos agentes da PIDE, que continuam a tentar fazer com que Conceição fale. Como se não bastasse, os guardas obrigam Conceição a urinar e a defecar no canto da sala de interrogatório e, de seguida, obrigam-na a limpar a sujidade

com as poucas roupas que trazia vestida. Uma imagem de dor e sofrimento, mas sobretudo de humilhação fica gravada na memória de Conceição, que a impede de dormir durante os dias que se seguem.

Conceição tinha fé de que tudo acontecia por um motivo, que os pontos baixos da vida apenas existem para nos fazer voltar mais fortes do que nunca. A partir daquele momento, Conceição estava cada vez mais determinada a lutar por uma vida melhor, mesmo que fosse a última coisa que tentaria. Chegava mais uma carta de Augusto, mas, desta vez, não tinha nada escrito, apenas um simples pó de betão. Conceição sopra esse mesmo pó de betão e é então que se depara com uma pequena mensagem que dizia: “Enfermaria. Vou-te buscar”. Agora tudo fazia sentido, todas as cartas que Augusto lhe escrevera eram sobre uma fuga que ele estaria a planear, algo que muitos já tinham tentado, mas que nenhum conseguiu concretizar. Nessa mesma noite, Conceição deita-se no chão gritando com todas as suas forças, fingindo o que aparentava ser uma apendicite. É transportada para a enfermaria, onde é examinada e colocada numa cama ao lado de mais cinco pacientes.

As horas passavam e Augusto não aparecia, mas Conceição tinha de ser paciente, pois sabia que Augusto nunca a abandonaria. O sono começava a tomar conta dela, até que, no meio da escuridão, aparecem cinco homens e, entre eles, estava o homem que Conceição mais ansiava reencontrar. Rapidamente se abraçaram, como se os braços um do outro fossem o porto de abrigo que ambos desejavam ter para o resto da vida, como se de uma chama se tratasse, chama essa que renasce depois de um labirinto escuro, que ganha intensidade e sempre se mantém acesa. Não tinham muito tempo até darem por falta deles, por isso, começam a correr em direção a uma tampa de saneamento, que iria dar diretamente à parte de fora da prisão. Assim que chegam cá fora, um carro irá levá-los para o mais longe possível daquele horrível lugar. Conceição sente pela primeira vez algo que há muito não sentia, liberdade! Liberdade essa que era apenas o início de algo bem maior e que estava por vir.

Conceição e Augusto casam-se em Paris, unindo e fortalecendo ainda mais a relação que sempre mostrou que o amor atravessa barreiras. Amor que brilhará e levará o nome da Liberdade, com suor no rosto, humildade e resiliência para toda a posterioridade, nunca deixando o legado para trás daqueles que fizeram tudo por nós e a quem seremos eternamente gratos.